

uma breve história  
da guerra  
jeremy black

Tradução de Maria João Trindade

*Para Virgilio Ilari*



## ÍNDICE

Agradecimentos	11
1. As origens do conflito	13
2. A guerra e os primeiros Estados	20
3. Egito, Assíria, Pérsia	27
4. As primeiras operações de guerra chinesas	35
5. Grécia e Macedónia	41
6. Operações de guerra indianas	47
7. Roma e Aníbal	53
8. O Império Romano e a sua queda	61
9. A «Idade das Trevas»	67
10. Operações de guerra feudais	73
11. Castelos	79
12. As Cruzadas	85
13. Os mongóis e Timur	91
14. As primeiras operações de guerra do Japão	97
15. Operações de guerra no Novo Mundo, até 1500	105
16. Operações de guerra em África	111
17. Operações de guerra na Australásia e na Oceânia	117
18. Pólvora em terra	123
19. O novo estilo de fortaleza	131
20. O alcance naval transforma o mundo, 1400–1763	139
21. O local da batalha	145

22. A potência otomana	151
23. Japão e China entram em choque	157
24. A era da batalha naval, 1588–1827	163
25. China, Rússia e o fim das estepes	169
26. O colapso do controlo europeu no Novo Mundo, 1775–1825	175
27. Operações de guerra napoleónicas	181
28. Guerras no Ocidente, 1816–1913	187
29. O imperialismo do século XIX	193
30. China, da crise à consolidação: 1839–1949	201
31. Primeira Guerra Mundial	207
32. O período entre guerras: a avaliação da ameaça	215
33. Segunda Guerra Mundial	221
34. A Guerra Fria	227
35. As guerras da descolonização	233
36. O conflito desde a Guerra Fria	239
37. A guerra na atualidade: confrontos entre Estados	245
38. Os confrontos das grandes potências	251
39. Teóricos da história militar	257
Conclusões	263
Outras recomendações de leitura	269

## **AGRADECIMENTOS**

**G**OSTARIA DE AGRADECER A HEATHER MCCALLUM POR APOIAR este projeto e, conseqüentemente, assinalar três décadas de colaboração profissional. Caleb Karges, Heiko Henning e três leitores anônimos ofereceram comentários muito úteis relativamente a um dos primeiros rascunhos. Não têm qualquer responsabilidade nos erros que se mantiverem. Charlotte Chapman revelou-se uma excelente revisora. Este livro é dedicado a Virgílio Ilari, cujo contributo para o estudo académico da história militar é essencial para que este tema continue emocionante e intelectualmente rigoroso. É também um apoiante do meu trabalho, pelo que lhe estou muito grato.



## CAPÍTULO 1

### AS ORIGENS DO CONFLITO

«Se nos abstermos de lutar, é possível que uma enorme divisão despedace e abale a coragem do nosso povo, até que este aceite os habitantes da Média [os persas]; contudo, se nos juntarmos ao combate antes que uns quantos em Atenas se deixem infetar pela corrupção, então que os Céus sejam justos connosco e talvez conquistemos esta batalha.»

**O** RELATO DRAMÁTICO DE HERÓDOTO, ACERCA DE MILCÍADES, O *Jovem*, descrevendo o que estava em causa para Atenas, em 490 a. C., quando a cidade foi ameaçada por uma invasão persa — a grande potência ameaçadora desses tempos —, demonstrava a importância da força de vontade e do apoio divino na compreensão do sucesso militar. Contudo, este comentário acerca do «mundo antigo» refere-se a uma História muito recente, no contexto da nossa espécie. Os seres humanos envolveram-se em conflitos desde o início da sua existência, mas não em grande escala, e certamente não à escala dessa invasão de 490 a. C., que culminou com a absoluta vitória ateniense na Batalha de Maratona, contra as forças persas, de maior dimensão.

Por outro lado, os seres humanos tiveram de competir com outros animais para se alimentarem e para evitarem tornar-se eles próprios o alimento. Também tiveram de lutar para se abrigar. Como tal, a guerra não surgiu



apenas como resultado da corrupção da Humanidade por parte da sociedade, na forma de uma organização social agrícola ou semelhante, como foi vivamente defendido na década de 1960 por comentadores que estavam, inconscientemente, a copiar as ideias judaico-cristãs acerca da *queda* do Homem, devido ao pecado de Adão. Segundo tal relato, a guerra começaria ao fim de 90 por cento da nossa História enquanto espécie. Pelo contrário, o conflito é intrínseco à sociedade humana. Na verdade, o padrão das sociedades modernas de caçadores-recoletores, tais como as da Amazônia e Nova Guiné, reflete uma prática que antigamente era mais comum, particularmente de conflito entre grupos humanos, fossem caçadores-recoletores ou colonizados. Os conflitos com outros grupos humanos, fossem eles para conquistar áreas de caça, capturar escravos — especialmente para acasalar e/ou incorporar na tribo — ou demonstrar a masculinidade, faziam parte da continuidade dos conflitos com animais. Na verdade, a última caça ao urso na Alemanha aconteceu apenas em 1797.

A vitória dos seres humanos sobre os animais, no antagonismo que durou ao longo de toda a História do ser humano e que continua atualmente, de novas formas, com criaturas que não se veem a olho nu, deveu-se essencialmente a características mentais e físicas, mas também à capacidade dos seres humanos de as utilizar para melhorar as suas probabilidades. Fisicamente, um fator crucial consistiu em conseguir transpirar e mexer-se ao mesmo tempo, ao contrário de muitos animais, que têm de parar para poder exsudar. Esta capacidade trouxe uma grande vantagem, tanto na perseguição como na fuga.

A capacidade de comunicar através da linguagem foi crucial para ajudar os seres humanos a caçar e lutar em grupos. Sendo uma vantagem considerável para resistir a outros predadores e caçar megafauna, nomeadamente mastodontes e mamutes, a atividade em grupo pôde então ser convertida em conflito com outros seres humanos. A linguagem foi também importante para ajudar a garantir que as inovações eram divulgadas e aperfeiçoadas.

Este foi um aspeto fulcral do processo de aprendizagem que se mantém relevante até aos dias de hoje e que ajudou a diferenciar os seres humanos de outros animais belicosos. Este processo não foi uma qualquer resposta automática às circunstâncias, nem um processo inconsciente de evolução, mas, pelo contrário, uma questão de testar oportunidades e avaliar reações, com os seres humanos a agirem como agentes da mudança. Este foi um processo no qual a linguagem e a organização social tiveram

a sua importância e no qual os seres humanos se diferenciaram das outras espécies.

Um dos mais importantes — mas não o único — aspectos deste processo foi o desenvolvimento de ferramentas, à medida que as propriedades oferecidas pela pedra, madeira, osso, couro, chifres de veado, fogo e barro eram utilizadas para criar e reforçar tanto as armas como os abrigos. As pedras de sílex revelaram-se especialmente úteis — nomeadamente para as cabeças de machado — e as técnicas para as trabalhar foram aperfeiçoadas. As ferramentas compostas, particularmente as pontas e lâminas montadas em cabos de osso ou madeira, eram especialmente importantes. As lanças e flechas tinham pontas de pedra, o que proporcionava um maior poder de penetração para o seu peso.

As armas de arremesso ajudaram os seres humanos a ultrapassar os animais com características de combate mais fortes, incluindo defesas e armas inatas, como garras, chifres de veado, dentes e couro. Os seres humanos precisavam de armas para se manterem fora do alcance dos animais. Adicionalmente, as ferramentas — como as grandes pontas de pedra, capazes de perfurar o couro dos mamutes — possibilitaram não só a matança como também o corte dos corpos para comer, assimilando as respetivas proteínas. As proteínas provenientes da carne e do peixe não exigiam o demorado processamento necessário para digerir os frutos e legumes crus.

Na Europa, a megafauna de grande dimensão — incluindo os tigres-dentes-de-sabre, os veados gigantes e os rinocerontes-lanudos — foi-se extinguindo, assim como os armadilhos gigantes e os mastodontes na América Central. Os habitats em mutação foram, sem dúvida, um fator importante, mas também o foi a capacidade de os seres humanos explorarem a situação. A sua perícia como caçadores ajudou a garantir que os seres humanos estavam mais aptos do que os outros animais a adaptarem-se à imprevisibilidade e às possibilidades criadas pelo recuo das placas de gelo no final da última Idade do Gelo, aproximadamente em 10.000 a. C. Assim, a população dos rinocerontes-lanudos, que parece ter sido bastante estável entre aproximadamente 27.000 a. C. e cerca de 16.500 a. C., enquanto os seres humanos estiveram presentes (possivelmente porque o rinoceronte era um animal demasiado perigoso de caçar), caiu a partir de 12.700 a. C., possivelmente devido às consequências do aquecimento global, até que a espécie se extinguiu.

Em Taima-Taima, uma região na costa da Venezuela cuja ocupação humana remonta a 12.200–10.980 a. C., foi encontrado um osso de

mastodonte perfurado por uma ponta de lança. Uma sepultura recentemente encontrada no Alasca revelou os ossos de seres humanos que morreram aproximadamente em 9500 a. C., deitados numa cama de armas e pontas de chifres. As lutas entre homens e animais foram amplamente representadas nas primeiras pinturas rupestres, em grutas e posteriormente em mosaicos romanos. Em Espanha, as pinturas rupestres em Cueva de la Vieja mostram homens com arcos a caçarem veados, enquanto a arte rupestre do planalto de Tassili n'Ajjer, no deserto do Saara, remontando a cerca de 6000 a. C., apresenta caçadas a girafas. Em Caxemira, o sítio arqueológico de Burzahama, de cerca de 4300 a. C., representa caçadores e um touro. A caça é também um elemento-chave na arte maia, na América Central. O mesmo se passa com histórias acerca de seres humanos e animais em combate, que se encontram em todas as mitologias.

O alcance das capacidades humanas ajudou na luta com outros carnívoros, na domesticação de alguns animais que aperfeiçoaram essas mesmas capacidades — nomeadamente na agricultura e na movimentação — e na criação de um contexto seguro para uma nova fase de ação humana sobre o território, na forma do cultivo de plantações e no respetivo desenvolvimento de povoamentos permanentes. A cronologia variou conforme a região, em parte devido à expansão das inovações, mas também devido à densidade humana, às rotas entre grupos e ao terreno, ao abrigo e ao impacto variável das eras glaciares. A diversidade deveu-se, em grande parte, ao ambiente físico, mas os seres humanos também a podem ter afetado, nomeadamente com a limpeza de terrenos para agricultura, que também diminuiu o abrigo dos animais selvagens. O desenvolvimento de arpões e arcos e flechas foi útil para a pesca, assim como a adaptação de barcos a ambientes marítimos específicos — por exemplo os *fassonis*, barcos feitos de junco, de casco raso, usados para pescar nos pântanos e lagoas ao largo da península de Sinis, na Sardenha, havendo outros barcos semelhantes noutras regiões.

À medida que a população humana foi crescendo e que os animais carnívoros rivais foram empurrados para as periferias, longe das áreas de colonização na guerra que tinha de ser vencida, também o combate com outros seres humanos se tornou mais importante. A dimensão, o sentido de oportunidade e a explicação para estes combates são discutíveis, e chamar-lhes «guerra» seria controverso. Para alguns, o uso de armas não implica conflito e os restos mortais que mostram a violência como causa de morte podem dever-se a um assassinato ou contenda familiar, em vez

de uma guerra. Assim, Ötzi, o «homem de gelo» do Sul do Tirol, que viveu aproximadamente em 3300 a. C., tinha um machado de cobre, uma faca de sílex e flechas com pontas do mesmo material. Provavelmente atacara outros e tinha sido ferido, ou mesmo morto, por armas semelhantes.

O mesmo se aplica aos diferentes problemas que surgiram — após terem sido descobertas provas, em 1996, por um arqueólogo amador no vale do Tollense, no Nordeste da Alemanha — devido àquela que parecia ser uma das batalhas mais antigas da Europa, senão a evidência mais antiga de uma guerra na Europa. Além dos restos humanos — nomeadamente um crânio com um traumatismo violento, possivelmente causado por um bastão, e um braço perfurado por uma ponta de flecha —, foram ali descobertas armas, incluindo uma espada de bronze, pontas de flecha de bronze e sílex, clavas, pontas de lança e punhais. As investigações iniciais sugeriram que a batalha, ocorrida aproximadamente em 1200 a. C., por volta da destruição de Troia, envolveu cerca de 4000 guerreiros, dos quais morreram possivelmente 1400, e teve origem numa invasão do Norte, a partir do Sul da Alemanha. No entanto, uma análise genética mais recente descobriu poucos laços de parentesco entre os mortos, o que faz com que uma migração em grupo fosse pouco provável. Em vez de uma batalha, sugere-se agora uma emboscada a uma rota comercial. É possível encontrar diferenças de avaliação semelhantes noutros locais, e tal deve aplicar-se também a contos, textos e imagens.

Em parte, o problema de definir a terminologia e, conseqüentemente, avaliar a história da guerra pode advir também da presunção de que um nível estatal de guerra era mais significativo do que o de outras organizações, como as tribos. Embora seja conveniente, se olharmos para a guerra como uma «construção social» e um aspeto da construção de um Estado, esta abordagem não faz sentido para grande parte do mundo, incluindo para sociedades cuja belicosidade passada está bem patente no registo oral contínuo, como acontece com os maoris da Nova Zelândia, os aborígenes da Austrália, os melanésios e polinésios do Pacífico e os inuítes do Ártico. A belicosidade está igualmente presente nos relatos de ordem social, nos quais os guerreiros desempenham um papel fundamental, por exemplo no relato da criação do mundo, o *Purusha Sūkta*, o *Hino do Homem Primitivo*, da Índia do século x a. C.

Em vez da natureza da organização, o elemento-chave é a vontade de lutar, seja qual for a escala. Esta vontade, que pode ser encarada como belicosidade ou conflituosidade, ultrapassa a distinção inútil que por vezes

é traçada entre a racionalidade e a irracionalidade que levam à guerra. A belicosidade pode ser encarada como uma reação racional ou irracional às circunstâncias, ou as duas em simultâneo. Além disso, a hostilidade e os conflitos não estão claramente separados, mas num contínuo.

A belicosidade, na forma da vontade e prontidão para lutar, é o que leva à guerra, em vez de ser a guerra a surgir devido a mal-entendidos que produzem cálculos incorretos de interesse e resposta. O recurso à guerra é simultaneamente uma escolha pela imprevisibilidade e pelas conotações positivas do risco, assim como um produto das normas sociais e individuais, nomeadamente de masculinidade e competição.

Os fatores evolutivos que contribuem para a sobrevivência, assim como o companheirismo e o entusiasmo — na verdade, o prazer e a sensação de descarga — que muitos sentem em combate, tanto sozinhos como a lutar em grupo, são um aspeto importante desta situação, que está presente em diversas culturas. As atuais reconstituições de batalhas comprovam este fator, embora este não esteja relacionado com aqueles que são obrigados a lutar. A sensação de pertença e o estatuto social são elementos importantes na guerra, mas também estão dependentes da cultura e limitados pela política.

O foco do conflito humano certamente se desviou dos animais para o combate organizado entre seres humanos, embora, de certa forma, possa ter sido esse o caso desde o início da sociedade humana; ou, pelo menos, a partir do momento em que os clãs recoletores se cruzaram uns com os outros. Adicionalmente, o argumento muitas vezes repetido de que as primeiras guerras foram ritualistas, e conseqüentemente, até certo ponto, limitadas, e que a verdadeira história da guerra é diferente deve ser utilizado com precaução, visto que há poucas evidências acerca do objetivo e da natureza das primeiras guerras. Além disso, o termo «ritual» não significa que o conflito não fosse deliberado, mortífero e violento, tanto como os rituais que prosseguem na atualidade, como os uniformes, a música marcial ou as estruturas e palavras de ordem. Esta é uma dimensão do conflito que deve ser sempre tida em conta. Assim, ao escrever sobre as Caraíbas no século XVII, o coronel John Scott afirmou acerca do canibalismo nativo:

«Na verdade comem por malícia, mastigando apenas o que têm na boca e voltando a cuspi-lo. Incentivam-se também uns aos outros, para serem ferozes e cruéis com os seus inimigos, como sendo um comportamento que agrada aos seus deuses.

Aqueles que reportaram que os índios do Sul se comem uns aos outros como alimento cometeram um grande erro.»

Estas convenções sociais, enquanto aspeto da dinâmica de grupo, foi provavelmente o que esteve em causa desde o início do conflito.

## CAPÍTULO 2

### A GUERRA E OS PRIMEIROS ESTADOS

«Em combate, mostram-se velozes como um cavalo e firmes como a infantaria. Graças ao exercício e ao treino diário, obtêm tal perícia que estão habituados a verificar os seus cavalos a toda a velocidade e conseguem virá-los rapidamente, mesmo numa descida íngreme.»

Júlio César, acerca das quadrigas britânicas que encontrou durante a invasão de 55 a. C.

**E**NVOLTA EM MITOS, A GUERRA POR TROIA, APROXIMADAMENTE EM 1194–1184 a. C., perto de Dardanelos, na Turquia, no fim da Idade do Bronze, mostra até que ponto as narrativas utilizadas pelos seres humanos para se compreenderem a si mesmos estavam relacionadas com conflitos, tanto entre deuses como entre humanos. Assim, *A Ilíada*, o relato épico da Guerra de Troia, é uma das histórias de guerra mais antigas a sobreviverem. Nesta história, a honra era o maior incentivo: a honra na forma do controlo sobre uma mulher — Helena, esposa do rei Menelau de Esparta, levada para Troia —, como também, e de forma mais consistente nesta e noutras histórias de guerra, das relações entre homens. O mesmo se verifica na Índia, com o papel das contendidas entre dinastias e as principais batalhas nos grandes épicos em sânscrito — o *Mahabharata* e o *Ramayana* —, nomeadamente as batalhas de Kurukshetra e a dos Dez Reis.

De forma semelhante, a guerra teve um papel central nas narrativas religiosas, tais como o Antigo Testamento da Bíblia, com os filhos de Israel a conquistarem Jericó e outros alvos. Os rituais de guerra, como os do Sudoeste do Pacífico, agora reconstituídos para turistas, sobreviveram. Estes rituais apresentam frequentemente lutas contra outros clãs e contra criaturas que são meio animais e meio deuses. Nas narrativas e nos rituais, os deuses eram normalmente apresentados como belicosos, com os governantes a servirem de seus representantes — uma situação que se manteve no Japão até ao fim da Segunda Guerra Mundial.

Esta situação fez parte de um processo no qual o sucesso de uma tribo sobre as outras envolvia o conflito entre deuses, lutas cósmicas num sistema inerentemente competitivo, um processo que levava ainda à união espiritual dos conquistadores com o território que tinham conquistado. A natureza politeísta (com muitos deuses) da maioria dos sistemas religiosos incentivava à criação de narrativas de conflitos entre deuses, enquanto, para as religiões monoteístas, como o judaísmo, havia a luta entre o «Deus verdadeiro» e os cultos pagãos, como os de Baal. Assim, o conflito dos judeus com os filisteus foi apresentado como um conflito religioso a todos os níveis.

Uma questão à parte, mas relacionada com esta, é que os edifícios e ritos religiosos faziam parte da proteção das comunidades, mas também precisavam de segurança. Os complexos de templos protegidos eram um elemento-chave nas primeiras cidades, como aconteceu em Nippur, na Mesopotâmia (Iraque) que, a partir de 2100 a. C., teve várias muralhas templárias.

A história do conflito está relacionada não só com a longevidade sem fim da religião, mas é também tão antiga como a Humanidade; na verdade, é a História da Humanidade. Não é possível separá-la da existência humana. Embora as sociedades de caçadores-recoletores, com a sua belicosidade, continuassem a ser importantes, a narrativa habitual do desenvolvimento humano foca-se nas sociedades de agricultura, colonização, metalurgia e comércio. A guerra e o aperfeiçoamento das armas para tal contribuíram, com o armamento desenvolvido para ser mais útil em combate, tanto em termos de letalidade como na facilidade de utilização. A substituição, em diferentes épocas, da Idade da Pedra por sucessivas eras do metal fez com que as armas da Idade da Pedra — como as que eram feitas a partir de sílex e obsidiana — acabassem por ser ultrapassadas. As armas de metal eram mais fáceis de utilizar e



transportar. Por sua vez, as de sílex, que exigiam uma montagem e fabrico por várias etapas, eram muito mais afiadas do que as suas equivalentes de metal, mas, ao contrário destas, perdiam o gume devido ao uso. E eram também mais pesadas.

Em 7000–5000 a. C., tanto na Ásia Ocidental como no Sudeste da Europa, descobriu-se que era possível usar o calor para isolar metais dos seus depósitos contendo minério. Consequentemente, o fogo foi um elemento importante no desenvolvimento do armamento, bem como um exemplo da dependência da guerra relativamente a tecnologias que não se haviam especializado para esse fim. Nenhuma arma de metal poderia ter sido criada sem a tecnologia de fundir e trabalhar metal. Os metais macios, que derretem a baixas temperaturas, foram os primeiros a ser utilizados; consequentemente, o cobre, mais fácil de trabalhar, foi a base da tecnologia do metal, antes do ferro, que era mais difícil. Ao cobre sucedeu-se o bronze, que era feito através da fundição de cobre com estanho e era mais forte e resistente do que o cobre puro. As espadas de bronze mais antigas foram produzidas antes de 3000 a. C., no território que corresponde agora à Turquia. Esta mudança no armamento teve consequências sociais, uma vez que para os metais era necessário comércio — nomeadamente para o estanho — e fabrico.

Desenvolveram-se técnicas sofisticadas de esgrima, o estilo de combate foi aperfeiçoado, e em 1300 a. C. estas espadas encontravam-se por toda a Europa. Estas técnicas eram importantes para todas as armas e faziam parte da natureza multifacetada da adaptação e aplicação das capacidades humanas na guerra.

A funda era outra arma duradoura, certamente bem conhecida dos povos neolíticos, embora possivelmente mais antiga e geralmente subvalorizada. Apesar de ser de relativamente curto alcance, especialmente quando comparada com o arco, a funda era perigosa, principalmente nas mãos de peritos que sabiam escolher pedras que acertassem no alvo. As fundas foram encontradas por arqueólogos em todo o mundo, incluindo no Peru, Nevada, Egito, nas ilhas Baleares e na Anatólia. Adicionalmente, o *fusti-balus*<sup>1</sup> proporcionava um aumento da projeção. Como tal, tinha um papel semelhante ao dos propulsores de lanças, que efetivamente eram uma extensão do braço que faz o lançamento.

---

<sup>1</sup> Arma ou brinquedo composto por uma estrutura em forma de Y, geralmente de madeira ou de plástico, munida com um elástico preso às pontas e que serve para atirar pequenas pedras, na ponta de um bastão. (*N. de T.*)

Houve também desenvolvimentos nos fortes. As primeiras fortificações dependiam essencialmente das características do terreno, como as encostas e a altura que estas proporcionavam, assim como de muralhas concêntricas, para proteger sucessivos recintos murados. As torres com vários andares foram um desenvolvimento mais tardio e, provavelmente, aprendidas em áreas onde houve exemplos mais antigos, como no Mediterrâneo Oriental. Paralelamente às grandes fortalezas da Idade do Bronze, como a de Micenas, na Grécia — cujas ruínas continuam a ser impressionantes —, e a de Troia, a maioria era de menor dimensão. Assim, a Idade do Bronze da civilização argárica, no Sudeste de Espanha, que prosperou aproximadamente em 2200–1550 a. C., tinha povoaamentos murados nas colinas. A investigação arqueológica forneceu provas de fortificações sofisticadas. Por exemplo no sítio de La Bastida, onde, em 2012–13, foram descobertas muralhas de alvenaria que contornavam parcialmente uma passagem de entrada que expunha o inimigo, assim como cinco torres quadradas e sólidas, assentes em bases cuidadosamente preparadas para evitar o deslizamento na colina íngreme — uma proeza considerável. As torres recuadas proporcionavam uma oportunidade para arremessar objetos. As fortificações localizadas em colinas ou montículos eram comuns e exemplo disso eram os hititas na Turquia, com a altura a oferecer visibilidade e defesa.

Os cavalos foram domesticados ainda em 4000 a. C., a norte do Mar Negro, e em 1700 a. C. já estavam a ser utilizados num novo sistema de armamento, a quadriga de guerra, que, tal como aconteceu posteriormente com o tanque e com o motor de combustão interna, refletiu a utilização de uma nova fonte de potência — neste caso o cavalo —, assim como o trabalho dos metais. As sociedades sem cavalos não tinham acesso às quadrigas, o que realça a importância do ambiente natural para o desenvolvimento e a utilização de armamento.

A utilização de veículos com rodas, que já existiam no Sudeste Asiático aproximadamente em 3500 a. C., foi um elemento-chave para o desenvolvimento de quadrigas, que acabaram por usar rodas com raios em vez de serem sólidas, reduzindo-lhes o peso. As rédeas presas aos freios serviam para controlar os cavalos. As quadrigas, que também serviam para diferenciar os soldados e organizar o campo de batalha, serviam de plataformas para arqueiros e outros guerreiros, tornando-se num verdadeiro desafio, tanto para a cavalaria como para a infantaria. Como exemplo do conjunto de competências que se tinham conjugado, o arco composto, que consegue

armazenar energia tênsil e de compressão graças à sua construção e ao formato — e cujas evidências remontam à Mesopotâmia, cerca de 2200 a. C. —, foi, tal como a quadriga, uma peça de engenharia que demonstrava uma perícia considerável e uma capacidade de desenvolvimento num ambiente de bens orgânicos.

Os cavalos e as quadrigas tinham também papéis simbólicos, como acontecia com o ritual *ásvamedha*, na Índia védica, no qual as deambulações de um cavalo sacrificial seguido por guerreiros serviam como prova de suserania e causa de conflitos. Na Grécia micénica e na Britânia da Idade do Ferro, os mais poderosos eram enterrados com as suas quadrigas.

Para serem mais eficazes, certas armas, como os arcos, tinham de ser empunhadas por vários homens treinados; isto era tão importante como o armamento utilizado. Quando os romanos invadiram Inglaterra, em 55 a. C., 54 a. C. e (com sucesso) a partir de 43 d. C., os seus adversários celtas sofreram devido à falta de poder balístico e de armaduras eficazes. As quadrigas celtas, embora constituíssem um desafio formidável, eram vulneráveis perante os arqueiros romanos e os seus fortes nas colinas, tais como o castelo Maiden, aos cercos do exército romano. No entanto, além das espadas curtas, azagaias e armaduras dos romanos, foi a sua aperfeiçoada disciplina em combate o elemento determinante para o constante sucesso em diferentes ambientes.

A necessidade de exércitos cada vez maiores contribuiu para alterar a natureza da guerra, pelo menos em algumas regiões, uma vez que a capacidade de recrutar homens implicava a necessidade de os alimentar, dar de beber, albergar e equipar. Estas eram obrigações cruciais, normalmente encaradas como uma mistura de, por um lado, sobrecarregar os súbditos e os conquistados e, por outro, servirem como turnos e expedientes capazes de pressionar os soldados e marinheiros. Em grande parte da História, estes últimos são anónimos, uma vez que o serviço individual não era registado. Mesmo quando o era, havia pouco que as forças militares pudessem fazer para melhorar as suas condições, a não ser que conseguissem impor o seu valor, recusando o serviço militar ou sendo difíceis de substituir. A primeira opção, expressa mais bruscamente em motins e golpes de Estado, demonstrava a condicionalidade de grande parte do serviço militar, mesmo nos sistemas mais onerosos e nas ideologias mais autoritárias. A segunda dependia não só das competências específicas de alguns soldados, como também do quanto uma população de dimensão muitas vezes limitada podia dificultar a sua substituição.

Estes são exemplos das negociatas implícitas dentro das forças armadas e entre elas e os seus ambientes físicos e humanos, que provavelmente sempre caracterizaram o serviço militar e o uso destas forças. Para a generalidade da História, e nomeadamente grande parte do mundo antigo, não temos evidências da natureza destes negócios, das dificuldades que refletiam ou das tensões que causavam, mas tal não significa que não possamos considerar a questão. Na verdade, na história militar, tal como nas outras, temos constantemente de contrapor o material limitado que temos para trabalhar com as presunções que trazemos das antropologias, sociologias, economias e ambientes da guerra. O uso do plural para estes últimos é propositado, visto que não devemos presumir que há apenas um de cada, com as escolhas necessariamente mais limitadas, tanto para as análises contemporâneas como posteriores, que tal possa sugerir.

Por exemplo, foi descoberto um elemento relacionado com a importância dos fatores simbólicos no conflito, na prática de longa data do combate em locais específicos, tal como acontecia na antiga Grécia e, mais tarde, na Inglaterra anglo-saxónica. Havia uma correspondência entre locais apropriados para assembleias — jurídicas, políticas e/ou religiosas — e para cerimónias de pacificação, e locais apropriados para conflitos. Estes locais eram muitas vezes associados a travessias de rios, desfiladeiros, florestas e matagais, assim como a pontos de passagem específicos, como túmulos e outros monumentos, e locais que tinham vantagens pragmáticas, incluindo logísticas, como o acesso a rotas de comunicação, visibilidade e espaço para grandes ajuntamentos de pessoas. No entanto, podiam ter igualmente um significado sacral e associações explícitas à realeza, como, por exemplo, locais onde deuses ou outras figuras tivessem aparecido ou túmulos associados a um antepassado lendário. Uma vez que estes locais se tornavam memoriais e as batalhas que ali tinham lugar eram registadas, podiam representar o controlo territorial e a identidade coletiva.

No mundo antigo, assim como na atualidade, os líderes tinham de reagir a um contexto multifacetado, ao mesmo tempo que procuravam uma posição de vantagem e aquele que parecia ser o seu destino. Como tal, não havia um sentido único de controlo ou influência. Atualmente também não há. Os seres humanos são agentes de mudança. Consequentemente, as diferentes geografias humanas representavam — tal como ainda hoje — grandes variações no conflito, uma vez que os seres humanos se adaptam às suas situações locais. Tal observou-se especialmente na era

pré-moderna, visto que a dificuldade de deslocação estava associada à lenta difusão das inovações tecnológicas. Adicionalmente, além dos padrões geográficos únicos que se formavam, a cultura criava uma espécie de «ciclo de resposta» que podia acentuar variações únicas. Não havia um só mundo da guerra.